



Murillo de Aragão

Advogado, mestre em ciência política e doutor em sociologia pela UnB, é professor adjunto da Columbia University e CEO da Arko Advice Pesquisas



A Janela de Overton no Brasil: ideias, poder e transformação das narrativas políticas

O conceito de Janela de Overton é uma ferramenta teórica que descreve como ideias transitam de impensáveis a amplamente aceitas, influenciando o debate público e a elaboração de políticas. Criado por Joseph P. Overton, ex-vice-presidente do *think tank* norte-americano Mackinac Center for Public Policy, o modelo sustenta que, em qualquer sociedade, existe uma faixa de ideias consideradas aceitáveis e viáveis. Essa faixa, denominada “janela”, não é estática: pode se expandir ou se contrair, deslocando o limite do que é visto como razoável ou desejável no debate público. Tal dinâmica é frequentemente movida por eventos históricos, forças sociais, culturais, econômicas e, sobretudo, pela ação de lideranças e grupos organizados.

A progressão da aceitação de ideias, segundo a teoria, segue etapas bem definidas. Vistas inicialmente como “impensáveis”, as ideias evoluem para “radicais” passando, em seguida, a “aceitáveis”. Depois, tornam-se “sensatas”, até atingirem o estágio de “populares”

e, finalmente, serem transformadas em políticas públicas amplamente aceitas. Esse movimento é impulsionado por líderes políticos, grupos ativistas, intelectuais e pela mídia, que moldam a percepção coletiva e deslocam a janela. A história política do Brasil ilustra claramente como a Janela de Overton funciona. Aqui, a visão historicamente predominante era a de um Estado centralizador e monopolista, herança do tenenismo e da Era Vargas. Essas ideias foram reforçadas pelo contexto histórico, como o sentimento de vulnerabilidade econômica ao longo da Primeira Guerra Mundial e a percepção de que a autonomia nacional só poderia ser alcançada por meio de um Estado forte.

Ao longo do século XX, a esquerda exerceu grande influência nos meios acadêmicos, culturais e midiáticos, consolidando essa visão como dominante. O pensamento propagado por partidos como o PCB — apelidado de “PCBão” devido à sua ascendência na academia e nas redações — conformou a narrativa hegemônica

sobre o papel do Estado na sociedade brasileira. Contudo, no final do século, tal pensamento perdeu espaço para novas propostas, como pautas neoliberais e globalizantes e, posteriormente, pautas ambientais, identitárias e culturais, que reconfiguraram o debate público.

Pouco antes, com os governos Fernando Collor e Itamar Franco, ideias antes impensáveis, como a privatização de empresas estatais e o fim dos monopólios, começaram a ganhar terreno. O Plano Real e as reformas promovidas nos governos seguintes comprovaram que era possível combinar políticas econômicas de inspiração neoliberal com políticas sociais progressistas. Durante os governos Lula 1 e Lula 2, o Brasil viveu um período de equilíbrio entre crescimento econômico, redistribuição de renda e aumento das reservas internacionais. Contudo, esse modelo foi se desgastando com a guinada intervencionista e centralizadora do governo Dilma Rousseff, o que resultou na maior recessão da história recente do país.

Partidos políticos

A dinâmica da Janela de Overton no Brasil também reflete como partidos políticos se posicionam para permanecerem relevantes. A fim de se manterem na vanguarda do poder, evoluindo em sintonia com os anseios da sociedade, as legendas enfrentam inúmeros obstáculos. No entanto, interpretar corretamente os desejos do público é um desafio, especialmente em tempos de polarização e amplificação de discursos extremistas. No contexto atual, parte das elites políticas, acadêmicas e

No caso de países como o Brasil, a estabilidade das instituições depende de sua capacidade de interpretar e responder às necessidades da sociedade de forma prática e não apenas retórica

mediáticas parece desconectada das aspirações do eleitorado. Enquanto a sociedade busca soluções pragmáticas, muitas dessas elites permanecem presas a narrativas anacrônicas que já se revelaram ineficazes. O descompasso abre espaço para lideranças populistas que prometem respostas fáceis a problemas complexos, em geral exacerbando a desconfiança nas instituições democráticas.

Um exemplo claro desse movimento é o tratamento dado a questões como empreendedorismo, prosperidade e religião, comumente demonizadas por narrativas que as retratam como obstáculos à justiça social. Tais posturas transparecem um conservadorismo intelectual que, paradoxalmente, perpetua ideias ultrapassadas, em vez de propor soluções inovadoras. Em um mundo em constante transformação, a resistência à adaptação acaba alienando segmentos da política do eleitorado, cada vez mais diversificado e exigente. A situação é ainda mais crítica para os polos radicali-

zados da política brasileira, que não conseguem alinhar suas narrativas a um público que tem se afastado de soluções autoritárias, sejam de direita, sejam de esquerda.

Na esquerda, os tradicionais difusores do pensamento dito “progressista” perderam parte significativa de sua relevância social. A Teologia da Libertação na Igreja Católica, que influenciava movimentos sociais e pautas políticas, praticamente desapareceu. As universidades públicas, antes centros de produção intelectual e formação das elites, foram gradualmente abandonadas pelos setores mais prestigiados da sociedade, que buscam excelência de ensino em instituições privadas ou no exterior. A imprensa tradicional, por sua vez, viu sua relevância encolher diante da ascensão das mídias digitais e das redes sociais. Já o meio cultural, antes hegemônico por uma elite intelectual, passou a ser protagonizado por narrativas emergentes das comunidades, refletindo novas dinâmicas sociais que escapam ao controle centralizado de outrora.

Pelo seu lado, a direita enfrenta problema semelhante. Parcela significativa desse campo político se deixou levar por pensamentos golpistas e antidemocráticos, desconectando-se das expectativas da sociedade contemporânea. Como a esquerda, a direita parece presa a uma visão anacrônica do mundo, incapaz de se ajustar às novas realidades e de apresentar soluções concretas que dialoguem com um público de tendência pragmática e plural. Tanto a esquerda, com suas narrativas intervencionistas e centralizadoras, quanto a direita, com seus discursos autoritários e saudosistas, precisam abandonar as visões obso-



letas. É urgente que ambos os polos deixem de pensar de forma analógica, insistindo em modelos que já se mostraram inadequados para os desafios do presente.

O Brasil tem demonstrado, em sua trajetória recente, como a Janela de Overton pode ser deslocada, seja para avanços, seja para retrocessos. O período pós-Itamar representou, até o fim do governo Lula 2, uma era de reformas que ampliaram as possibilidades para iniciativas econômicas liberais e políticas sociais progressistas. Por outro lado, os erros de gestão e a guinada à esquerda no governo Dilma, como mencionado, indicaram os riscos de se ignorarem mudanças na percepção pública. A evolução política da humanidade, conforme destacado por Overton, nem sempre é linear ou positiva. Partidos e lideranças precisam estar atentos às mudanças sociais e às demandas emergentes, abandonando dogmas antigos e buscando reconexão com a sociedade.

Esse processo exige uma leitura sensível do momento histórico e um compromisso com a pluralidade, o que é essencial para a construção de uma política que promova estabilidade e progresso. A Janela de Overton oferece, enfim, um instrumento valioso para se compreender como ideias e narrativas moldam o poder e a sociedade. No caso brasileiro, a teoria nos ensina que o progresso político depende de flexibilidade, pragmatismo e capacidade de adaptação às transformações ocasionadas pelo passar do tempo. Não reconhecer esses princípios é condenar a política ao fracasso, perpetuando ciclos de insatisfação e estagnação. Para avançar, será necessário superar divisões ideológicas e reconstruir pontes com

um eleitorado que hoje exige menos retórica e mais soluções concretas.

A adaptação depende, por sua vez, de uma leitura crítica das oportunidades políticas e econômicas, muitas vezes delineadas nas “janelas de Overton”. A identificação e o aproveitamento dessas janelas — isto é, das ideias e das políticas aceitáveis dentro de um dado contexto social — são fundamentais para a estabilidade política do país. No caso de países como o Brasil, a estabilidade das instituições depende de sua capacidade de interpretar e responder às necessidades da sociedade de forma prática e não apenas retórica. A desconexão entre as instituições e a população, especialmente em tempos de crise, frequentemente leva à deslegitimação das narrativas dessas instituições e ao enfraquecimento de sua autoridade.

Em países com estruturas complexas como o Brasil, a capacidade de adaptação às mudanças de conceitos e de expectativas por parte da sociedade é tão importante quanto o poder de coerção ou a habilidade de manter alianças econômicas e políticas. O prolongamento da polarização no país evidencia o despreparo das elites políticas para interpretar as oportunidades delineadas pela Janela de Overton. As forças radicais, tanto à esquerda quanto à direita, parecem viver de uma nostalgia por um futuro que nunca foi verdadeiramente exitoso. Não estão enxergando a realidade de que o eleitorado se afasta de soluções autoritárias e busca pragmatismo e eficiência. ■

Murillo de Aragão escreve a cada bimestre.